

O morto que dança entre o individual e o transindividual no ocaso de Zaratustra.

Laura Francis

Mestranda em Filosofia na USP

<https://lattes.cnpq.br/9002812947299079>

laurafrancis@usp.br

79

Com base na teoria da individuação elaborada por Gilbert Simondon em *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*, este ensaio investiga a cena inaugural de *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, na qual um funâmbulo realiza sua travessia sobre o abismo. A leitura propõe compreender essa imagem como cristalização estética da angústia ontogenética descrita por Simondon: o instante em que o ser, sobressaturado de si, perde a forma e se abre à possibilidade de uma nova individuação. Jean Genet, em *Le funambule*, fornece a chave poética desta travessia, oferecendo-nos, na figura do artista solitário que dança sobre a morte, a medida trágica e encantatória do processo de passagem entre o individual e o transindividual.

Em Simondon, a angústia é uma prova solitária em que a forma individual se desfaz sob a pressão de tensões não resolvidas, expondo o sujeito ao campo pré-individual — dimensão virtual de realidade, onde persistem tensões e potenciais de transformação. Trata-se de uma crise intensiva, em que a forma atual já não se sustenta e o ser é convocado a se refazer. A travessia do equilibrista de Nietzsche condensa essa operação: sua queda não é mero acidente, mas figura do excesso, o momento em que a forma não pode mais se sustentar. A angústia é aqui compreendida como condição de criação. O abismo, longe de ser um fim, é a promessa de um novo começo — se for possível suportá-lo.

Com Genet, a figura do funâmbulo adquire espessura existencial. Não se trata de um acrobata comum, mas de um artista que dança para a sua imagem futura — para uma solidão povoada. O público, paradoxalmente, é o que lhe confere essa solidão extrema, na qual o equilibrista precisa morrer simbolicamente para tornar-se gesto criador. A angústia, então, já não é apenas condição trágica, mas também poética e sagrada. O arame não é cenário; é rito.

A leitura da cena de Zaratustra à luz da teoria simondoniana e da poética de Genet permite compreender a individuação como travessia. O funâmbulo morre para si, mas sua queda convoca Zaratustra a um novo devir. O que está em jogo não é apenas a superação de determinada forma do ser, mas o reconhecimento de que só na experiência abissal — solitária, angustiada e luminosa — o ser pode transitar do individual ao transindividual.

Palavras-chave: Angústia. Individuação. Transindividuação. Nietzsche. Simondon. Genet.

Bibliografia

GENET, J. *Le funambule*. Paris: Gallimard, coll. L'Arbalète, 2010.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PELBART, P. *O avesso do niilismo: ensaios sobre um pensamento fraco e potente*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

SIMONDON, G. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. Tradução de Guilherme Ivo e Luiz Aragon. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Editora Contraponto, 2021.